

A presença libanesa na Amazônia em *Vila Rica das Queimadas* de Paulo Jacob

Isabela Nascimento Melo

Resumo: Este trabalho estuda no romance *Vila Rica das Queimadas*, de Paulo Jacob, publicado em 1976, os personagens de origem sírio-libanesa, considerando os fatores culturais em seu processo de adaptação em território amazônico. Nesse contexto, utilizaremos as considerações de alguns autores como Cury (2006), Benchimol (2009), Buchabqui (2011) e Souza (2015), entre outros, para construir a base teórica e analisar historicamente os processos que ocorreram para a vinda dos imigrantes para a Amazônia.

Palavras-chave: Libaneses; Amazônia; *Vila Rica das Queimadas*; Paulo Jacob

Introdução

Sírio-libaneses na Amazônia. Em *Vila Rica das Queimadas*, romance de Paulo Jacob, publicado em 1976, a trajetória de uma família de imigrantes sírio-libaneses em terras amazônicas é contada. O romance aborda algumas situações em que populares resistem à presença do estrangeiro, isto é, à presença de imigrantes sírio-libaneses que vieram se estabelecer na Amazônia, assim como as dificuldades deles para ganhar a confiança dos amazonenses em suas atividades comerciais como regatões. Para analisar e compreender como se deu a vinda dos libaneses para a região Amazônica será necessário utilizar as considerações de Cury (2006), Benchimol (2009), Buchabqui (2011) e Souza (2015), entre outros.

Os sírio-libaneses iniciaram o processo de imigração desde a primeira década do século XIX, após conflitos internos no território que antes era dominado pelo Império Otomano. Depois de anos vivendo em meio a divergências político-religiosas e econômicas do império, houve uma diáspora que agregou em sua maioria cristãos que deixaram o país, buscando melhores condições de vida. Na época, o Brasil era um país novo e estava iniciando sua primeira fase de industrialização, tornando-se um território propício para os negócios e os libaneses usaram isso a seu favor.

Muitos foram os motivos que influenciaram na vinda dos sírio-libaneses ao Brasil, mas os principais foram a situação econômica e os conflitos lá existentes. Para Jorge Buchabqui

(2011, p. 11), “a maioria dos imigrantes veio ao país fugindo da falta de perspectiva econômica na região, então dominada pela política turco-otomana”. Nessa época, a maioria dos imigrantes que fugiam, eram cristãos e eles decidiam ir embora não só pela melhoria de vida, mas também para resistir às injustiças que estavam ocorrendo nesse período. Segundo Buchabqui (2011, p.12), “Antes do século XIX, os cristãos de todas as doutrinas ocupavam uma posição social e política inferior no Império Otomano, sejam por estarem sujeitos a muitas restrições e pelas cobranças de impostos”. Em 1860, houve um massacre ocorrido no Líbano pela libertação desses cristãos que ocupavam uma posição inferior no império Otomano. Abrain Paxá, filho de um modernizador do Egito, inconformado com as injustiças ocorridas no Líbano, resolveu lutar pela causa, o que gerou conflitos com os otomanos. Nesse sentido, o império passou a obrigar os cristãos a se alistarem no exército e em decorrência disso foi um motivo propulsor para a imigração. Os libaneses que restaram no território, ficaram na expectativa de que o país se tornasse independente. Após a Primeira Guerra Mundial eles notaram que não ocorreria a independência, o que gerou novas ondas emigratórias. Segundo Buchabqui (2011, p. 14),

Muitos emigravam para escapar às formas tradicionais de controle social, como por exemplo não casar com a pessoa escolhida pela família; casados que fugiam, aventureiros, antissociais, ambiciosos, pessoas contrárias ao governo turco, etc.

O maior fluxo imigratório na Amazônia foi durante o Ciclo da Borracha. A produção do látex estava alavancando a economia brasileira e o Norte era um bom lugar para se estabelecer no ramo comercial. Como afirma Samuel Benchimol (2009, p.314), “durante esse período a Amazônia foi povoada, também, por grande número de europeus e imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães, além dos sírio-libaneses aqui chegados no final do século XIX.” Segundo Márcio Souza (2000, p. 105), os imigrantes judeus e sírio-libaneses não vieram como colonos para o Brasil e sim fugidos com a expectativa de uma vida tranquila, onde não seriam mais perseguidos.:

[...] “assim como os sírio e libaneses, os judeus não chegaram à Amazônia como colonos”. Fugiram da pobreza, perseguições, violências e falta de trabalho. Na Amazônia viram, na extração e comércio da borracha, um caminho para o sustento, além da liberdade de culto encontrada.

Quando os imigrantes chegavam no Brasil, eles procuravam exercer a função de vendedores ambulantes. Para Nelson Ribeiro (2008, p.187), “no período da borracha vieram, ainda, sírios e libaneses que se voltaram, também, para o comércio, sobretudo, assumindo papel de ‘aviadores’, na época do grande período de exploração da borracha”. O Brasil tinha três polos econômicos buscados pelos imigrantes: Amazônia, Rio de Janeiro e São Paulo. Quando os imigrantes chegaram na Amazônia, a borracha os atraía, e quando se deslocavam para São

Paulo e Rio De Janeiro era pelo café. Eles vinham para a Amazônia e desciam nos portos de Belém e de São Luís. Com esse fluxo migratório, ocorreram melhorias significativas na economia, acarretando o crescimento da urbanização. As cidades passaram a se desenvolver mais rápido, haja vista que a industrialização estava em processo evolutivo no Brasil. Segundo Samuel Benchimol (2009, p. 431),

Quando se urbanizaram, na fase da crise da borracha, a forma de sobrevivência escolhida foi a do pequeno comércio ambulante teque-teque, apelido pelo qual ficaram conhecidos, pois carregavam as mercadorias nas costas e nas mãos um metro dividido e articulado em dois pedaços de pau que batiam, um com o outro, para chamar a atenção dos fregueses. Estes humildes empresários, também, eram olhados com desconfiança e preconceito, pois desafiavam o poderio dos grandes armazéns do centro da cidade.

O comércio, que antes era desvalorizado, passa a ter notoriedade no Ciclo da borracha, uma vez que os estrangeiros estavam vindo em massa para a região amazônica em busca de trabalho. Os sírio-libaneses se tornaram vendedores ambulantes, pois dessa forma eles trabalhavam e eram seus próprios patrões, além disso, tinham chance de crescer mais rápido no âmbito comercial.

Vila Rica das Queimadas apresenta a história de uma família libanesa que veio para o Brasil e retrata as dificuldades que sofreram para chegar e se estabelecer na Amazônia. A história é narrada por Nagib, filho do casal Jamil e Zarife. O narrador mostrará o crescimento e o amadurecimento de sua família que, aos poucos, vai se adaptando aos costumes do povo amazonense. Durante a viagem da família para o Brasil, eles enfrentaram dificuldades pelas condições precárias na qual o navio se encontrava: “viagem de terceira classe, no pior sustento” (Jacob, 1976, p.4), como diz o narrador. Em geral, os libaneses vinham fugidos do seu país ou não tinham dinheiro o suficiente para custear uma passagem em que fossem mais confortáveis. Para Maria Cury (2006, p. 25-26), “os primeiros imigrantes libaneses que vieram para o Brasil fizeram uma travessia muito difícil, em navios com péssimas condições de higiene, passando fome e doenças”. Nagib narra como Jamil confortou Zarife, durante a viagem para o Brasil (Jacob, 1976, p.5):

-Zarife, tenha paciência, logo mais se chega.
- E quando se vai de voltar?
-Allah akbar, dá ajudos a mais nós.

No primeiro capítulo, Nagib contará a história de Jamil e de sua família, imigrantes sírio-libaneses na Amazônia. Abdon, amigo da família que veio para o Brasil anos antes,

escreveu uma carta para Jamil, relatando as maravilhas do território e o quanto estava crescendo no ramo do comércio. O que se vê no romance sobre a carta-convite que muitos imigrantes enviavam para amigos e parentes no Líbano, convidando-os para a Amazônia, foi algo comum na história da imigração sírio-libanesa na Amazônia. para Cury (2006, p. 26),

os que chegaram primeiro, como nos indica a bibliografia sobre a imigração libanesa, davam suporte material e afetivo aos que iam chegando, ensinando a estes últimos a arte de mascatear, os macetes da língua, as peculiaridades do novo espaço.

O narrador expõe como a família tomou a decisão de se deslocar para o Brasil (Jacob, 1976, p.6):

Verão aberto, alastrado, pai no aceiro do campo. Muito plantio de cebola, batata. Vender o cultivo, comprar passagem, tomar seguida em vapor. Abdon adjutorou, com dalguns possuïmes em dinheiro. Carta postada em correio, viesse como sem falta. Manaus, terra boa, ganhosa. Ia muito bem de vividos. Em qualquer de negócio besteira, ganho abastado. E foi assim, assim se deu o aconteço, desmudança da Síria.

Nos capítulos seguintes, Nagib contará as aventuras suas e de seu pai, navegantes dos rios amazônicos, vendedores de utensílios como pentes, tecidos, botões, entre outros, mostrando como eles se adaptaram ao novo lugar, visto que não eram aceitos de início pelos ribeirinhos. Depois, haverá uma mudança de fase e o narrador assumirá o papel como protagonista principal do romance contando sua história de amor com Maria Rita no pequeno vilarejo que deu nome ao título do livro, *Vila Rica das Queimadas*.

O comércio foi o primeiro ramo de atividade que muitos imigrantes sírio-libaneses, e também judeus marroquinos, desempenharam na Amazônia. Jamil também exerceu essa função, primeiro como vendedor ambulante e depois como regatão. Cury (2006, p. 27) atesta que

Os imigrantes libaneses voltavam-se para o comercio, concentrando-se em determinadas ruas ou bairros. Como vendedores de miudezas, percorriam o interior. Eram mascates, os cometas, “turco da prestação”, marcando com s denominações, a característica itinerante de sua atividade.

Os estrangeiros advindos do Líbano vinham para o Brasil trabalhar na maioria das vezes como vendedores ambulantes, na expectativa de conseguirem abrir um armarinho. Mascatear não exigia o domínio da língua e era a maneira mais rápida de se fazer dinheiro no Brasil. Eles percorriam os interiores com mercadorias, vendendo tecidos, botões, pentes e outros utensílios. Segundo Buchabqui (2011, p. 30),

mascate não andava pelo interior sem ideal. Em suas andanças sonhava com um grande armazém com prateleiras sortidas e balcões com vários empregados atarefados em atender os clientes, e até quem sabe com um escritório bem montado de onde poderia gerir seus negócios.

Com o início das atividades de Jamil e sua família como regatões, o idioma se mostra um grande problema. Eles ainda não sabiam se comunicar direito com os clientes e o fato de serem estrangeiros fazia com que fossem olhados pelos ribeirinhos com desconfiança. Apesar do cansaço, dos prejuízos inerentes a atividade realizada nos rios amazônicos e da falta de clientes, já que eram novos na cidade e precisavam ganhar a confiança dos moradores, eles permaneciam executando seu trabalho. A presença do imigrante também gerou, em alguns casos, atos de intolerância e preconceitos. De acordo com Buchabqui (2011, p. 30), “No país escolhido os árabes enfrentavam a barreira linguística e cultural por estas serem tão diferentes das dos outros imigrantes, algumas vezes eles eram alvos de preconceitos”.

Nagib narra a dificuldade que seu pai teve em aprender a língua, pois “carecia aprender falar da língua. Abdon ensinava. Pegava horas nesses pacientados. Desse aqui é dum tostão, duzentos réis, um conto. Logo no continente, pai repetia nos errados” (JACOB, 1976, p.10). No trabalho de regatão, não era obrigatório o domínio da língua, mas era necessário saber o básico para poder se comunicar com os clientes e anunciar seus produtos para a venda.

1- Para conhecer *Vila Rica das Queimadas*

O romance inicia com a família de Jamil vindo da Síria para o Brasil, na época do Ciclo da Borracha. Ao chegar em Manaus, a família passou a morar em uma casa humilde e Jamil começa os trabalhos como teque teque. No início da chegada na Amazônia era comum os imigrantes libaneses trabalharem como vendedores ambulantes, carregando uma vitrine nas costas que guardava os objetos para vender. “Pai sofrido, agüentando maus-tratos. Vitrine pesadia nas costas, apoiada nos braços.” (JACOB, 1976, p. 15). Esse foi o início de uma trajetória árdua, mas levada com serenidade por eles. O narrador descreve o local que a família foi morar quando chegaram em Manaus:

A casa, olhe a destragação. Soalho solto, as vigas estroçadas de cupim. Quase de chorar, a desgraça batida mais nós. Botar da vista, imaginação ir cair em riba da gente. Paus distorados, aquele bafio de sentir. Os ratos correndo nos caibros. Barata, chega assanhaçava, entrando aqui, saindo ali mais de diante. Voejando, caindo de encostado à parede. (JACOB, 1976, p.9).

Tendo em vista as condições que tinham no início da vinda para o Brasil, a família de Jamil sonhava com a mudança para dias melhores, mas sem esquecer do seu país de origem, a Síria. No começo, sentiram a dificuldade de estarem distantes e das diferenças entre uma cultura e outra. Existiam duas perspectivas, a do narrador que contava a história da sua família com visão de imigrante, expondo do seu ponto de vista e os percalços vividos por eles, e há também no romance, a perspectiva dos ribeirinhos.

No romance, o narrador buscou enfatizar o receio do povo amazonense em relação aos imigrantes sírio-libaneses, pelo fato de não serem brasileiros, sendo assim, possuíam costumes, cultura e religião distintas do povo brasileiro. Nagib constrói a imagem de uma família de imigrantes que luta por um futuro próspero através do trabalho de vendedor ambulante. No entanto, a família de imigrantes recém-chegada ao país, passou a enfrentar preconceitos. São chamados de “turcos” e não por seus nomes de origem. Era comum, na região, o árabe, o sírio-libanês e até mesmo o judeu ser chamado de turco. O narrador atesta essa prática: “Faladios, escutos, turco carregava doenceira. Turquinho ladrão igualmente ao pai” (JACOB,1976, p.12).

Os libaneses eram ótimos comerciantes. Trouxeram inovações para o ramo comercial, conforme atesta Marcio Souza (2015, p.97) sobre as contribuições do povo libanês para a Amazônia:

Gente persistente, apegada ao sentido de família, sóbria e inteligente, superando as barreiras do preconceito, formando novos costumes e introduzindo novos valores culturais. Foram os sírio-libaneses que trouxeram para a região o sistema do crediário, trazendo para um mercado elitista a população pobre.

No século XIX, a prática comercial do pagamento à prazo, ou crediário fez com que rompesse o estigma de que só as pessoas de classe média ou alta poderiam comprar. As pessoas de condições mais baixas passaram a ter mais facilidade para adquirirem mercadorias.

Sobre o romance, *Vila Rica das Queimadas* ganhou esse título em homenagem ao pequeno vilarejo onde se passou a história. Era uma terra de pessoas acolhedoras, festejos, religião predominantemente forte e mulheres bonitas. Em geral, era um povo acolhedor. Apesar disso, situações de preconceito e xenofobia ocorrem em alguns momentos no romance, principalmente, se o nativo se sentisse roubado pelo negociante “turco”. O narrador relata essas situações: “não dá igualha a esse aí, muito que atrevido. Evém ter ganho na terra alheia, ainda se pagar de afrontoso. Turco safado” (JACOB,1976, p.11). Os imigrantes são julgados pela sua nacionalidade, pelo território do qual vieram e por falarem uma língua diferente, até mesmo pelo modo de se expressar.

A linguagem empregada na obra é o que mais se destaca, principalmente pelo personagem Jamil. As constituições frasais e as pronúncias, revelavam as marcas do falar estrangeiro. Ele misturava o modo de constituir as frases, trocava algumas letras e pronunciava algumas palavras de forma que era notório que ele era um estrangeiro recém-chegado, aprendendo o amazonense. Quando um freguês se interessava por alguma de suas mercadorias, Jamil fala: “Tem tuda freguês, bode bedir” (JACOB, 1976, p.15). Dessa forma, em decorrência da dificuldade apresentada pelo falante estrangeiro é perceptível a presença de xenofobia em algumas das falas anteriores presentes no romance por parte dos nativos. No entanto, o termo “turco” atribuído aos árabes ou aos que vieram do Oriente, foi uma atribuição do nome para um adjetivo pátrio. O narrador atesta a condição da perda da identidade original: “Sírio, libanês, a de primeira coisa, perder do nome. Bastava chegar, disso logo acontecia. A mulher do turco, o filho do teque-teque, o dono do regatão. Não sabe então, a turca Zarife, sabe qual que é? A mulher do turco Jamil” (Jacob,1976, p.15).

O povo brasileiro tinha uma visão deturpada dos imigrantes principalmente se fossem libaneses. O prejulgamento étnico criava uma aversão do “novo”, o que era distinto, ou seja, cultura, religião, língua, modos e como não era comum, causava estranhamento e desconfiança, nesse sentido surgia a perda da identidade. Para Cury (2006, p. 24),

Estabelece-se, então, um processo de trânsito identitário, indispensável para a vida na nova terra. Tal negociação inicia-se pela marca maior de identidade, o próprio nome, o nome próprio, que, traduzido, modificado, tomando como xingamento...

Assim como *Vila Rica das Queimadas*, outros romances como *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum publicado em 1989, abordam a adaptação dos libaneses na Amazônia, assim como o processo de miscigenação, mostrando que os estrangeiros tinham uma boa convivência uns com os outros. Segundo Alessandra Conde da Silva (2021, p .83),

em *Relato de um certo Oriente*, Emilie e seu marido são os geradores de uma família de imigrantes sírio-libaneses. Ela, uma cristã maronita e ele, um muçulmano. A história começa a ser contada numa Manaus da *Belle Époque*, durante o primeiro Ciclo da borracha, nas primeiras décadas do século XX, quando os imigrantes árabes aportaram na região. O dia-a-dia desta família peculiar e a lida no comércio mostram os aspectos peculiares de sua cultura, capitalizada pela presença de outros estrangeiros e de um jeito próprio de viver na Amazônia.

Em outro romance de Paulo Jacob, publicado em 1990, “*Um pedaço de lua caía na mata*”, o preconceito e ações xenofóbicas também aparecem. Neste romance é apresentada a história de Salomão Farah, um judeu marroquino que reside em Parintins. Ele e sua família, sobretudo, seu filho, tiveram suas imagens desgastadas em razão de sua estrangeiridade, o que os levou a lutar para manter seus costumes e cultura vivos como se viu também em *Vila Rica das Queimadas*.

2- Jamil, Nagib e Zarif: três libaneses na Amazônia

Os personagens libaneses tiveram uma mudança comportamental considerável após a vinda para o Brasil, principalmente na segunda fase, onde demonstram maior adaptação à região.

Ao chegarem na Amazônia, a família tinha costumes e tradições enraizados principalmente no comportamento dos personagens Jamil e Zarif. Com a mudança de local, cultura e costumes, aos poucos é notório o processo de adaptação e transformações, conforme o andamento do romance.

Bakhtin considerando a relação entre personagens e espaço, destacando a teoria do cronotopo, declara que os personagens mudam de acordo com o espaço e com o tempo. Segundo o autor,

no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. (Bakhtin, 1975, p.12)

Com o deslocamento da família síria para a Amazônia houve um impacto com a diferença de costumes, resultando em mudanças não apenas da geografia, mas do perfil dos personagens e de sua constituição psicológica, pois a mudança do meio influencia diretamente nos protagonistas libaneses.

Na segunda fase do romance, houve também uma alteração de lugar com a predominância do cronotopo de tempo, enfatizando as transformações dos personagens da primeira para a segunda fase. A modificação se dá a partir do momento em que Jamil decide mudar sua profissão e vira regatão, levando o filho para viajar e vender seus utensílios. Com a chegada em *Vila Rica das Queimadas*, houve a mudança de espaço e tempo que é marcada pela narração do filho sobre as aventuras do pai. Na segunda fase, o narrador passa a ter mais protagonismo, contando também a sua própria história como adulto.

De acordo com Antônio Candido, em sua obra *A personagem de ficção*, publicada em 1976, o personagem é considerado independente do enredo. Eles são fictícios e criados para a identificação entre o leitor e o personagem, com aspectos reais. No entanto, o personagem não é real, e depende do enredo que pode ser baseado na realidade ou não. O romance necessita comunicar aos leitores “a impressão da mais lídima verdade existencial” (Candido, 1976, p. 55). Nesse contexto, o autor cita três elementos centrais para constituir o desenvolvimento novelístico, que colaboram para construir o romance (enredo, personagem e ideia). Segundo Candido, (1976, p. 58),

na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem.

Existem várias classificações que podem distinguir a natureza de um personagem, diferenciar e identificar. O estudo de Foster (1949, p. 75 *apud* Candido, 1976, p.62) define dois tipos de personagens: as planas, as esféricas e as planas com pretensão à esféricas. As “personagens planas, [...] permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias” (Foster, 1949, p. 66). Para Foster (1949, p.75), “a prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana com pretensão a esférica. Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, - traz a vida dentro das páginas de um livro”. No romance, *Vila Rica das Queimadas*, o personagem Nagib pode ser classificado como personagem esférica, pois ele surpreende os leitores com suas mudanças na segunda parte do livro. Jamil, é identificado como personagem esférica, pois ele muda de acordo com o tempo, mas continua seguindo seus princípios e tomando atitudes de grande relevância. Jamil mudou com as circunstâncias. Zarife é considerada uma personagem plana que não apresentou mudança no decorrer do romance, mas que se adaptou ao território amazônico.

Nagib sofre uma mudança significativa na narrativa. Na primeira fase do romance, narra a história da sua família, desde a sua infância. Na segunda parte, passa a ser o protagonista do romance, agora um adulto. Antes, o papel principal era dedicado ao seu pai, e Nagib narrava as aventuras dele como vendedor ambulante. Com a mudança de fase, o menino, virou um homem apaixonado pela cabocla Maria Rita.

O personagem Jamil teve uma mudança significativa. De início, ele parecia ser rígido como a esposa Zarife e com a cultura bem enraizada, no entanto, no decorrer do romance ele demonstra ser paciente, absorvendo a cultura brasileira sem deixar de lembrar dos princípios de

sua cultura. Na segunda fase, a mudança do personagem é mais visível. Ele permanece sendo carismático e calmo, mas quando conhece dona Zita ele deixa de transparecer a imagem de um marido rígido. Zarife, por sua vez, permanece refletindo a cultura da Síria, uma personalidade forte e com as mesmas ideias rigorosas, sendo a personagem que mais representa seu país de origem.

Sobre o estudo das personagens, Mauriac (1952) justifica a relação entre autor e personagem e descreve um modelo de classificação de personagem como: disfarce leve do romancista, cópia fiel de pessoas reais e inventadas. Na obra de Paulo Jacob os personagens são fictícios, mas possuem histórias que muitos imigrantes vivenciaram. A experiência de sair do país onde residiam para trilhar os caminhos em outro país e as dificuldades que enfrentaram simbolizam a história da cultura árabe na obra.

Quem são os personagens sírio-libaneses do romance de Paulo Jacob?

Nagib é o narrador do primeiro capítulo de *Vila Rica das Queimadas*. Ele apresenta uma imagem de si como um garoto libanês que vai se adaptando ao modo de vida brasileiro e amazônico. Na primeira parte do romance, intitulada “ALLAH AKBAR”, ele conta as aventuras de seu pai que trabalha como teque-teque (vendedor ambulante) e é descrito como um menino, que de vez em quando ajudava seu pai, por quem nutria grande admiração.

Jamil é o herói da história contada pelo filho. É nítido o sentimento de amor que o rapaz nutre pelo pai, conforme ele declara: “Pai nascido em Haio, a síria, a terra da gente. Pacientado, calmoso, se ria abestado” (Jacob, 1976, p.15). O sírio-libanês trouxe a sua família ao Brasil. Inicialmente passou por muitas dificuldades, enfrentou xingamentos e humilhações para sustentar a família em Manaus, por fim, acabou contraindo uma doença que assolava o povo amazonense na época e que já tinha se transformado em uma epidemia. O narrador lembra sobre a doença que assolava o povo amazonense nessa época:

Ninguém fazia encontros à bexiga. Bicha estruidora, perversosa. Folha de paraparâ queimada, fumação de afugento do malefício da peste. Aqueles cheiro despelho, misturação com creolina. O maior fumeiro, pixé danado. Bexiga até doje se dá lembrados. Fumeiro, creolina, carroças estivadas de morridos. (Jacob, 1976, p.21).

O tempo foi passando e Jamil se estabeleceu no comércio, no entanto, seu casamento com Zarife estava se desgastando. Jamil deixou seu trabalho de teque-teque após ter se envolvido em um mal-entendido com uma moça que era filha de um coronel da seringa. Depois de ter sofrido violência física, em razão desse entrevero, decide trocar de profissão, tornando-se regatão, que era uma profissão comum, durante o ciclo da borracha. Os comerciantes

colocavam as mercadorias em um barco e percorriam as regiões amazônicas vendendo utensílios domésticos e miudezas. O narrador diz: “[...] pai desmudar de serviço, trabalhar em regatão. O coronel nos ameaços, capar o turco” (Jacob, 1976, p.61-62). A bordo do “Flor da Síria” (Jacob, 1976, p.72), embarcação em que Jamil fazia o seu comércio, e acompanhado de seu filho Nagib, parte para Vila Rica das Queimadas. Ele encontrou um novo relacionamento amoroso na vila, com dona Zita, o que fez com que o pequeno vilarejo se tornasse mais importante para Jamil, além de se tornar bem acolhido pelo povoado:

E dona Zita tinha deveras trato cuidadoso com Pai. Tratança nos bons considerados... lavava a roupa, fazia o comer mais nós. Ajeitou a limpa no regatão. Arrumava tudo nos bem cuidadosos de feme. Mulher de bondosidade. E meu pai carecia de bons tratos”. (Jacob, 1976, p.126).

Em Vila Rica das Queimadas, ele passou a se interessar pela política, fingindo ser brasileiro para ter direito ao voto. Jamil retrucou a uma mulher que indagou se o turco poderia votar: “Largue dessa sua besteira. Eu brasileira de Codajás” (JACOB, 1976, p 120). Na disputa eleitoral do vilarejo estavam o coronel Secundino, que representava o governo do Estado, e o coronel Libânio, representante do povo local. Jamil escolhe apoiar o coronel Libânio pelo fato de conhecer as terras e as necessidades do povo. Ele gostava de viver no Brasil e se sentia bem em viver no país que lhe acolheu, ele se acostumou com as comidas, língua e costumes. Fernando Ortiz (2000, p. 90) entende a transição de uma cultura e outra como um processo de transculturação. Foi o que aconteceu com Jamil e sua família:

Sírio, libanês chegou, logo tomou costumeiro. Ficou da mesma de comparação a caboclo. Falações, vivença, tudo de parente. Comer chanclix, mjadara findou largando. É nos aprecios de peixe, feijão, farinha. Vezes escutar pai, nesses pedimes a mãe.

- Doje quero peixe com pirão de farinha.

Dormir em rede, tomou costume. (Jacob, 1976, p. 27)

Era notório o carinho que Jamil tinha pelo Brasil. Ele se identificava como brasileiro. A cultura amazonense passou a fazer parte do dia a dia da família, adaptando-se a ela. Por outro lado, não deixaram suas raízes, evocadas, por exemplo, no nome dado ao seu barco: “Flor da Síria” e foi nele que deu seu último suspiro nos confins do rio Solimões, em um naufrágio.

Zarife é a mãe de Nagib, uma mulher rigorosa que segue a tradição e a cultura de seu país de origem. Ela resistia à ideia de se mudar para o Brasil:

- Vou de voltar, quero voltar, Jamil!

Pai nas boas calmas, querente findar os aflitos de mãe. Olhava

dela, falava.

- Zarife, largue disso! (Jacob, 1976, p.9)

Ela ficou conhecida como a “turca”, epíteto que muito a incomodava. Em alguns momentos ela diz: “Eu não é tua mãe pra ser turca, seu charmute! Tenho nome, dona Zarife. E é bom largar de confiançados com mulher casada” (Jacob, 1976, p.25). Nesse contexto, a personagem pede respeito ao homem que cuidava de seu marido, quando estava com a doença da bexiga. As pessoas que conheciam a família notavam que a mãe de Nagib era muito exigente e reclamava muito do povo e de seu marido: “Jamil não tem culpa dos ruins da mulher. Zarife é assim mesmo espiritada, zangosa (...) A mulher não presta, é desbaratada de boca” (Jacob, 1976, p.30).

Nagib descrevia sua mãe como uma mulher zangada, sempre pronta a brigar com o marido: “mãe sim, mulher zangosa, brigona” (Jacob, 1976, p.30). Mas com os outros era mais calma, evitava bate-boca:

mãe na verdade despreciava faladeiros dos outros. Só com pai se dava encrencar. Contrariosa, respondona, malcriada. Chegante em casa, começava o arregajo. Mãe briguenta. Por qualquer coisin, desautorava pai. (Jacob, 1976, p.42/43).

Zarife não gostava de viver no Brasil e não apreciava os nativos da região. Reclamava, pois sentia saudade do seu país, mas aos poucos ela se acostumou a viver na Amazônia. Ela sentia falta do filho Nagib, por isso considerou que o casamento com Mariúma traria o seu filho para perto. Zarife era uma mulher resistente aos costumes brasileiros, sempre preocupada com o bem-estar do marido e do filho, ela se esforçava para ser uma boa esposa e boa mãe. Ela saiu do seu país com tristeza, para atender a vontade de Jamil.

Na segunda parte do livro, “MARIA RITA DOS FESTEJOS DE SANTOS”, Nagib assume seu papel como protagonista. Ele, quando adulto, conta a sua história de amor com Maria Rita. “Maria Rita tinha olhos da noite. Cheirava a mata, peixe, queimadio de roça” (Jacob, 1976, p.103), diz o narrador. Ela era descrita com admiração e elogios por Nagib. As pessoas da região a descreviam como “cunhatã prendada, estimosa em Vila Rica Das Queimadas” (Jacob, 1976 p.126).

O romance com Maria Rita desde o início estava fadado ao fracasso, pois quando Nagib a conheceu, já estava casado com Mariuma, filha de um coronel da borracha. O casamento era do gosto dos pais, mas acima de tudo priorizava-se o interesse financeiro, por parte da família de Nagib. O narrador descreveu como se deu o casamento:

Mãe sim, muito ruvinhosa, por tudo se pegava no aborreço. No acontecido com Mariuma, nem no cagador se tinha sossego. Casa porque casa, quem manda bulir o que está de quieto. Desvendar xiri de moça. Com filha alheia se dá respeitado, mãe ruvinosa, botou filho na perdição. Obrigar casamento, se Mariuma foi da culpa. (Jacob,1976, p.154).

O pai de Mariuma tinha uma boa condição financeira e era de uma família influente e importante na localidade, pois era um coronel da seringa. A ligação com a família de Mariúma era vantajosa. Com a ajuda do sogro, Nagib poderia se beneficiar e deixar o negócio como regatão, como sua mãe desejava.

Não era do agrado de Zarife a atitude do filho, principalmente porque ele tinha se envolvido com a moça sem o conhecimento dela. Aceitou a situação, embora tenha chamado a atenção do filho, deixando clara a sua desaprovação: “Pessoal de nosso, vivença igual. Casar com gente da terra, certo não dá. Doutrou costumeiros, mesmo no de comer. Jamil ter conhecença do seu mal proceder” (Jacob, 1976, p.100), diz Zarif. No entanto, ela resolveu ver vantagem no casamento na expectativa de ter Nagib por perto. Zarif sabia que Nagib precisava fazer uma reparação à honra de Mariúma e diz: “Casa porque casa, nada de sonegação. Fazer reparativo, beneficiar filha dos outros. Logo pessoal das finuras, conceituoso na terra, O pai tem bons avaliados” (Jacob,1976, p.100).

Nagib se casou com Mariuma para fazer o gosto de Zarife e do pai dela. No outro dia após o casamento, Nagib retomou seu trabalho como regatão, mas dessa vez era por um motivo diferente, ele preferia ficar longe ao estar nos braços da mulher que não amava. No momento em que conheceu Maria Rita, Nagib já estava insatisfeito com o seu casamento e cogitou se separar de Mariúma. Como o pai dela tinha uma boa situação financeira, ele achou que a esposa não sentiria falta. Ocorreu, na verdade, o contrário. Ela se queixava de ficar sozinha em Manaus: “o pai tem possuídos, compra doutro marido” (Jacob, 1976, p.125). A mãe de Nagib, sabendo da responsabilidade do filho, escrevia cartas para que ele voltasse para ficar junto de sua mulher.

O amor pela cabocla Maria Rita só aumentava à medida que o tempo passava, e ele se via em uma situação difícil, pois não queria perder a mulher amada, como ele mesmo dizia: “E Maria Rita, coitada da cunhatã. Tão alegrante, inocentada, perder dos risantes dela. Do casamento, não hai de saber. Ficar magoante, chorada, tristume nos olhos” (Jacob,1976, p.101).

Maria Rita já desconfiava que algo estava perturbando a cabeça do rapaz e supôs que ele estivesse pensando em outra. E ela estava certa. Nagib estava inquieto com a carta que sua mãe escreveu pedindo para que ele voltasse, relatando que a esposa estava insatisfeita por passar tanto tempo longe do marido. A situação já se encontrava incontrolável. Ele pensou em ter uma união estável com a moça, mas descartou a possibilidade, porque ela provavelmente não

aceitaria: “Casar mais a cunhatã, disso não podia. Viver acompanhada, talvez não se assujeitasse” (Jacob, 1976, p.105). A cabocla era católica, moça religiosa, que queria casar e fazer os rituais matrimoniais de acordo com a religião. Ela não se sujeitaria a viver com ele a não ser após o casamento.

Maria Rita cede aos rogos sexuais de Nagib, que sempre prometia casamento. Com o tempo, a moça descobriu que estava grávida e quando finalmente ele decide casar-se com ela, Nagib recebe a notícia da morte de seu pai, do qual nutria admiração. Tendo em vista o falecimento de Jamil e o desejo da mãe que ele fosse para junto da esposa, Nagib considerou o fato de honrar a vontade de seu pai. O regatão tinha aconselhado o filho a voltar para Manaus e ficar junto de sua esposa, antes de morrer: “É do conselho fazer de companho a Mariuma. Ficar em Manaus mais a mulher. Pai está bastante braboso”, diz o narrador (Jacob, 1976, p.124).

Maria Rita desconfiava que o pai de Nagib não gostava de sua união com o rapaz por ter uma condição inferior: “seio porque disso. Gente da finura, casar com cabocla do Solimões” (Jacob, 1976, p.125), pensa a cabocla. Após esses acontecimentos, Nagib decide fixar um comércio em Vila Rica das Queimadas, terra em que seu pai era muito querido. No entanto, o povo da região passou a subestimar e a desconfiar do filho do regatão após ele ter engravidado Maria Rita, sendo um homem casado. Ele a amava, mas a admiração por seu pai fazia com que ele permanecesse com a esposa. Nagib queria se estabelecer em Vila Rica das Queimadas, assim como Jamil, mas os julgamentos dos nativos faziam com que ele ficasse mais confuso e os acontecimentos com Maria Rita deixaram-no com a mente inquieta e sem alternativas, pois ele queria honrar a vontade do pai.

Maria Rita sabendo da situação de Nagib com Mariuma decide sumir. Ela então, entrou no rio e sumiu nas águas. Nesse contexto, o desaparecimento da cabocla nas águas do rio faz referência a uma lenda amazônica, que conta a história de um boto que vivia nos rios amazônicos e se transformava em um homem vestido de branco. Ele iludia as mulheres virgens, levava para o fundo do rio, forçava relações sexuais, engravidando-as. O mito possui várias versões. Para cada região a história possui um elemento diferente. No romance, a história do boto assemelha-se a algumas atitudes de Nagib. O rio que é visto como o grande representante das lendas no território amazônico, aparece na história para deixar os caboclos com a dúvida do que teria ocorrido com a cunhatã que sumiu nas águas. Esse acontecimento reforça a questão do mito. Ela sumiu nas águas e nada foi achado como se não tivesse existido:

O maior desinfeliz, os abandonos de Maria Rita. Baqueiação, sofrido despropositado. Mas o pior ainda, eveio de depois. No inesperado aí, noticeiro sabido, Maria Rita

desapareceu no rebojo. Ham seu menino, choreios, amarguros nos olhos. Soluçados caídos na noite. Teve do ocasiame, quase findar avariado do juízo(...) jacaré pegou, sucuriyu de apanhou. (Jacob, 1976, p.156/157).

Nagib por sua vez, ficou abalado com o acontecimento e se sente culpado por ter iludido a cunhatã: “Seu Nagib está dali chorando. Homem padecido, maguoso, gostava muito bastante da cunhatã” (Jacob, 1976, p.157) diz o narrador.

Considerações finais

O romance de Paulo Jacob é uma narrativa que ecoa a multiplicidade cultural e étnica da Amazônia. O livro foi escrito para homenagear a colônia árabe no Brasil, mostrando o processo de integração dos imigrantes a partir da história de Jamil e de sua família, que vieram da Síria para o Brasil durante o ciclo da borracha, estabelecendo-se na Amazônia.

O romance conta a história da família sírio-libanesa na Amazônia, enfatizando o processo de adaptação desses imigrantes e das dificuldades de se estabelecerem na região. No romance *Vila Rica Das Queimadas*, os sírio-libaneses enfrentaram muitas dificuldades para se adaptarem à cultura local, mas aprendem os costumes e acabam se acostumando.

O romance chama atenção pela linguagem cabocla usada pelos ribeirinhos e enfatizada pelos narradores, além disso descreve as belezas da região amazônica e a realidade do imigrante no Brasil, apresentando as dificuldades encontradas na nova terra e o processo de adaptação, além das saudades da terra de origem

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BUCHABQUI, Jorge. *Das civilizações à imigração libanesa: um pequeno resgate histórico*/ Jorge Alberto Buchabqui. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- CANDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora perspectiva, 1976.
- CONDE-SILVA, Alessandra F. Ismael e Isaque irmanados: os judeus nos romances de Milton Hatoum. *Revista de estudos orientais*. Universidade de São Paulo, 2021
- CURY, Maria Zilda Ferreira; *Literatura e imigrantes: sonhos em movimento*. Belo Horizonte, UFMG, 2006
- JACOB, Paulo. *Vila rica das queimadas*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1976.

.ORTIZ, F. *Contraponto cubano do tabaco e do açúcar*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. *A questão geopolítica da Amazônia. Da soberania difusa à soberania restrita*. Brasil: Senado Federal, 2005.

SOUZA, Márcio. *Amazônia, população e modernidade*. In: SILVA, Osiris M. Araújo da; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama (Org.). In: *Pan-Amazônia: visão histórica, perspectivas de integração e crescimento*. Manaus: FIEAM, 2015.